

Antónia Fialho Conde

# O espaço do lúdico

na sociedade e cultura portuguesas  
do século XVIII:

D. José de Bragança, arcebispo de Braga,  
e os jogos da bilharda, do pião  
e da conca



 apenas

*Antónia Fialho Conde*: Departamento de História da  
Universidade de Évora/CIDEHUS

© Apenas Livros Lda.  
e Antónia Fialho Conde

Al. Linhas de Torres, 97, 3º dto.  
1750-140 Lisboa  
Tel./fax 21 758 22 85  
apenaslivros2@gmail.com

Depósito legal n.º /13  
ISBN: 978-989-618-  
1ª edição de 250 exemplares  
Setembro de 2013  
Publicação n.º 5

Colecção BISCA LAMBIDA, 21  
Dirigida por Fernanda Frazão  
fernandarbfracao@gmail.com

[www.apenas-livros.com](http://www.apenas-livros.com)

## INTRODUÇÃO

Diversos mas precisos são os testemunhos que atestam a presença e a necessidade de um espaço para o lúdico na história dos vários povos e civilizações; se a época clássica significou, por excelência, o reconhecimento da valia dos jogos, sobretudo na sua dimensão física, na educação dos cidadãos (e bem o demonstram quer os amplos espaços destinados à prática do exercício físico quer a criação de diversas modalidades que continuam a ser praticadas nos dias de hoje), também os escritores clássicos nos deixam vocábulos e expressões concretas sobre uma outra dimensão dos jogos, em que a diversão assumia papel primordial, quer individual quer colectivamente. Campo de estudo privilegiado nas áreas antropológica, sociológica e etnográfica/etnológica, particularmente na sua classificação/categorização, é também aliciante no domínio da História.

A presença do jogo ao longo da História – entrecruzando tempos e espaços – nas variadas dimensões que pode assumir, é uma presença constante: as referências, escrita (em documentação oficial<sup>1</sup>, na narrativa histórica, etc.) pictórica, escultórica, são disso exemplo; a história de Portugal não é alheia a este facto, interessando sobretudo ao investigador atento às questões da história da cultura, das mentalidades, da quotidiano e do património e cultura material. Podemos, em relação ao século XVIII, reunir um conjunto de dados que nos permitem apreciar todo um leque de jogos conhecidos/praticados em Portugal e, dentro deste contexto, algum espólio relativo a esta matéria existente na Biblioteca Pública de Évora, de que destacamos dois códices, de conteúdo semelhante, relacionados com a temática do jogo, sendo alguns deles hoje já categorizados como *jogos tradicionais*.

## TESTEMUNHOS DOCUMENTAIS DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA

É de 1742 o mais antigo dos códices acima referidos, com a cota CXII/1-10, entre os fólhos 6 e 25; é dedicado a D. José de Bragança, arcebispo de Braga, filho bastardo de D. Pedro II. Segundo o então bibliotecário da Biblioteca Eborense, Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, trata-se de uma obra que satiriza o arcebispo (e as pessoas que o apoiavam no cumprimento do seu cargo) pelo pouco cuidado em relação às questões da Igreja. Intitula-se *Methodo Breve e Claro de Jogar a Bilharda, Piam e Conca Dedicado e Offerecido ao Serenissimo Senhor D. Jozé de Bragança. Arcebispo e Senhor de Braga. Pelo P. Francisco Monteiro do Collegio da Companhia de Jesus da Mesma Cidade*. O outro documento encontra-se no Códice CXII/1-18, integrado na obra *Pecúlio IV*, de 1754; intitula-se *Metodo Breve e Claro de Jogar a Bilharda, o Pião e a Conca*, e deve-se a João Batista de Castro, presbítero secular beneficiado da Santa Igreja Patriarcal de Lisboa, cidade onde nasceu em 1700; trata-se de uma colectânea de apontamentos vários coligidos para uso do Autor. Apresenta ligeiras diferenças no texto, em frases ou expressões, em relação ao códice anteriormente referido, notando-se também a ausência de qualquer figura.

Na Biblioteca Nacional de Portugal localizámos o códice intitulado *Methodo Breve, e Claro de Jogar a Bilharda, Pião e Conca Dedicado e Offerecido ao Serenissimo Senhor D. Jozé Arcebispo e Senhor de Braga, pelo P. Francisco Monteiro Reytor do Collegio da Companhia da mesma Cidade*, também do ano de 1742; de salientar neste documento, cota Mss. 144, Cx. 26, a quase total semelhança com o documento eborense do mesmo ano, com ligeiras diferenças no texto, aliás com uma letra de mais fácil leitura, notando-se porém a ausência dos esboços – e mesmo de alguns termos, caso do termo perriche, no fl. 13, e que seria um jogo praticado pelos meninos gregos – que acompanham o texto de Évora.

É altura de referir que um documento com este teor já foi alvo de estudo e de publicação<sup>2</sup>, em que foi consultado e analisa-

do o «manuscrito 51-II-41, fls. 1 a 22, da Biblioteca do Palácio da Ajuda»<sup>3</sup>, intitulado *Metodo Breve e Claro de Jogar o Taco, o Pião e a Conca*, e que terá sido ordenado pela Academia dos Rapazes Bracarenses e oferecido pela mão do reverendo padre reitor da Companhia, ao Sereníssimo Senhor D. José, arcebispo e senhor de Braga, filho reconhecido de D. Pedro II, documento que também compulsámos. Em relação ao códice eborense de 1742, que tomamos como principal referência, são muitas as alterações vocabulares verificadas – entre as quais sublinhamos a designação do *jogo da bilharda* (presente nos documentos da Biblioteca Nacional de Portugal e da Biblioteca Pública de Évora consultados) para *jogo do taco* – bem como a ausência de algumas partes iniciais do documento que estudámos e que comparámos com o texto publicado por António Parada de Afonseca em 1990. Neste documento figuram ainda imagens alusivas aos jogos referenciados, mas que nada têm a ver com as encontradas no códice mais antigo de Évora.

O Pe. Raphael Bluteau, na obra *Vocabulário Português e Latino*, publicada a partir de 1712, apresenta definições bem claras para os jogos sugeridos no título do códice da Biblioteca Pública de Évora referido. Assim, diz-nos que a *bilharda* «*derivase de Bille, ou Bilhe, que (segundo Menagio) em Inglez & Alemão, quer dizer Pao pequeno; & em lingua francesa (segundo advertio o ditto Author) Billart, ou Bilhart, não só significa o jogo do Truque, mas o Taco, ou pao curto com que se joga. E os Franceses chamão à Bilharda Batonet diminutivo de Baton, que he Pao. He pois a Bilharda hum paosinho, por ambos os lados adelgado, com que jogão os rapazes, fazendo-o saltar, & dando nelle, para o fazer afastar do círculo, traçado no chão, a que chamão Roda.[...]*»<sup>4</sup>. Em relação à *Conca*, o mesmo Autor diz tratar-se de um jogo de rapazes «*[...] que lanção pelo ar pedaços de tijolos, ou moedas de dez réis, a quem chegará mais perto das balizas. He um arremedo do jogo, que os Antigos chamaoão Discoludere*»<sup>5</sup>. Acerca do *pião*, Raphael Bluteau diz-nos que é «*[...] bocado de pao, armado de hum ferrão, com que jogão os rapazes. Jugar o pião, deitar o pião, embrulhado em hum cordel, de maneira que cahindo em pé, possa dar voltas. [...]* Pitorra, ou Petorra ou Piorra. He hum certo pião de

*figura cónica, com ferrão de pao, que os rapazes embrulhão em hua correa, presa em hum pao, & depois de lançado o vão açoutando com a mesma correa. (Volubile buxum, segundo Virgílio, na Eneida, Turbo verbere versatilis) Virgílio: Ceu quodam toto volitans subverbere turbo./ Quem pueri magno ingyro vacua atria circum/ Intenti ludo exercent»<sup>6</sup>. Aliado ao jogo do pião, sugere este Autor ainda o termo Cornicola, como sendo o pião que espera a pancada dos outros, e cujos buracos se chamão focos.*

Ao longo dos diversos Tomos do *Vocabulário* inventariámos uma série de jogos correntes na altura, uns de cartas (ganaperde, renegada, centos, garatuza, ozoria, piques, polinha, cochino, primeira, pacao, pintas, palinha, trinta, presas, gigajoga, banca, lasquenete, carteta, quinto, quinze de resto, cró, estenderete, gagão, 21 varas, etc.), outros que o Autor identifica como pueris (alfinetes, bom barqueiro – em que especifica que seria acompanhado de música marítima –, busca três, cabra-cega, cantos, canastras, chapas, corneta, corriola, didaes, gallinhas, golfim & balea, guardinvão, João da cadeneta, La condessa, lobo, martim garavato, mudos, officios, pedrinha na boca, penhor, roda dos altos couces, sapato, segredos, topa, vaite a elle, etc.), além de outros, sem indicação de adequação etária para a sua prática<sup>7</sup>.

O estudo dos códices localizados em Évora, particularmente do mais antigo, interessa quer pela descrição dos jogos em si quer por todo um conjunto documental que os antecede – dedicatórias, pareceres, licenças: há pareceres críticos mordazes – por exemplo da parte de José Ferreira Rosa - insinuando que, jogando, o arcebispo daria mais liberdade de acção aos que o rodeavam; há rectificações a fazer que são sugeridas nesses documentos antecedentes em relação à descrição incompleta de alguns jogos por parte do Autor; conclui-se de alguns pareceres que, se a prática do jogo é comum na cidade de Roma (academia política e religiosa do mundo), por parte dos príncipes – dando ao jogo uma dimensão nobre – não haveria razões para que o jogo não fosse praticado por D. José, que até dedicara a sua meninice à formação intelectual, não lhe restando tempo para o jogo, e que agora seria recuperável; fica bem explícita na Introdução a utili-

dade física dos jogos, a sua relação com o ciclo anual, o divertimento que proporcionam tal como a prática corrente do exercício dos jogos nas casas dos príncipes; da aprovação do lente de Teologia Moral do Colégio da Companhia de Jesus, P<sup>e</sup>. Manuel José dos Reis, sublinhamos a utilidade que o mesmo reconhece à prática dos jogos, e daí a utilidade da obra, conferindo ao mesmo tempo uma dimensão simbólica a todos os jogos tratados e que deveria alertar os homens na motivação para a sua prática, estabelecendo comparações com práticas lúdicas anteriores, quer na época clássica quer na corte francesa, embora sublinhe uma dimensão menos «nobre» ao jogo da *conca*, uma vez que, sendo jogo de pedras, molestava as mãos, sendo uma fadiga muito servil e o mais rústico dos jogos tratados.

O códice datado de 1742 da Biblioteca Pública de Évora, e por comparação com o que localizámos na Biblioteca Nacional de Portugal e com o citado por António Parada de Afonseca, parece-nos tratar-se do códice original. Baseamos a nossa afirmação em especial nos esboços coevos existentes no exemplar de Évora e ausentes no da Biblioteca Nacional ou acrescentadas no da Biblioteca da Ajuda; tal facto acaba por ligar-se também com a própria vida do Autor, muito ligada a Évora e acompanhando a educação do príncipe, bem como as suas deslocações.

Sublinhemos que D. José de Bragança recebera toda a sua esmerada educação na cidade de Évora, após o que se deslocou para Braga para o desempenho do cargo que lhe foi destinado pelo irmão (D. João V). D. António Caetano de Sousa<sup>8</sup> refere todo o percurso de D. José e de seu irmão D. Miguel, ambos recomendados e agraciados com avultados rendimentos por D. Pedro II antes de morrer. D. João V determinaria que seus irmãos tivessem casa própria e que fossem reconhecidos da corte e com o tratamento devido a personagens de alto nascimento, de que só D. José viria a beneficiar em pleno, uma vez que D. Miguel viria a morrer num naufrágio, em embarcação que ambos ocupavam, escapando D. José à morte. Exigindo a vida eclesiástica a formação intelectual, D. José, em 1725 (aos 22 anos), passou a estudar na Universidade de Évora, alojando-se no Colégio da Companhia,

onde dispunha de uma ala do segundo piso do claustro com salas intercomunicantes e de capela particular. Concluiu estudos de Filosofia, que já antes iniciara, passando depois à Teologia, obtendo o grau de Doutor em Sagrada Teologia em 1733. Retirou-se de Évora, prosseguindo vida eclesiástica, vindo a celebrar a sua primeira missa em 1729, no oratório privado de D. João V, na sua presença e das principais personagens da corte portuguesa da altura. Voltou de novo para Évora, e em 1739 foi nomeado arcebispo e senhor de Braga, cidade onde entrou publicamente em 1741.

Gostaríamos de apontar ainda outras possibilidades de estudo oferecidas pelo espólio existente na Biblioteca Pública de Évora concernente a esta matéria; assim, o novo reservado 841, volume *in 8º*, de reduzidas dimensões, intitulado *Polícia e Urbanidade Christam no Trato e Conversaçam*, foi composto pelos padres do Colégio Metropolitano da Companhia de Jesus e traduzido por I.D.C., editado em Évora pela Oficina da Universidade em 1684. Encontramos no Capítulo II, pp. 21, 22 e 23, as seguintes referências ao jogo:

«[...] 15. No jogo, e no fogo pede a cortesia, que se dê lugar aos que estão esperando; 16. Guardaivos de entrar em demasiado fervor no jogo, como também de contender, ou levantar nelle a voz demasiadamente. Nam bebais estando suado, e afrontado, ou o calor proceda do jogo, ou de qualquer outro exercício, porque he cousa perigosa e prejudicial à saude beber em semelhantes ocasiões. [...]».

A preocupação pelo espaço/tempo lúdicos revelou-se importante no panorama didáctico e na formação jesuítcos, e a cidade de Évora disso é exemplo; de facto, Francisco Rodrigues, cronista da Companhia, diz-nos que a partir de meados de Quinhentos o Colégio e a Universidade de Évora viram aumentados os seus bens, nomeadamente após a intervenção do cardeal D. Henrique: «[...] Em 1565 comprava por mil e quinhentos cruzados, à custa do mesmo fundador, a rendosa quinta do Louredo, antes da chegada de Resende, que distava da cidade de Évora pouco mais de meia légua, e

em 1582 adquiria a quinta de Valbom, de menos rendimento, mas de maior comodidade para o alívio e recreio dos mestres e estudantes, como mais vizinha da cidade. [...]»<sup>9</sup>.

Interessante é também o documento localizado no códice CXVI/1-1, uma *Miscelânea*, em que a peça VIII, entre os fólhos 21 e 49, referencia, em poema, diversos jogos da época de D. João V<sup>10</sup>.

## CONCLUSÃO

O jogo e a recreação estavam bem presentes na educação dos príncipes, bem como no ideário defendido nos colégios jesuítcos, apostando na gestão do lazer em abono da educação. Os códices referidos provam uma generalização da prática dos jogos focados a nível de todo o território, estabelecendo relações muito particulares entre as cidades de Évora e de Braga, certamente reforçadas quer pela unidade intelectual e metodológica dos Colégios Jesuítcos de ambas as cidades, quer pela aproximação propiciada pela presença de D. José, que, sendo arcebispo de Braga sempre mantivera estreitas relações com a cidade de Évora e particularmente com a Universidade onde obteve grande parte da sua formação – a Universidade de Évora.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes Manuscritas

- Biblioteca Nacional de Portugal, Mss. 144, Cx. 26.  
Biblioteca Pública de Évora, Códice CXII/1-10.  
Biblioteca Pública de Évora, Códice CXII/1-18.  
Biblioteca Pública de Évora, Códice CXVI/1-1, peça VIII.  
Biblioteca Pública de Évora, Novo Reservado 841, *Polícia e Urbanidade Christam no trato e Conversaçam*, Évora, Oficina da Universidade, 1684.  
Biblioteca Pública de Évora, Códice CXXXI/2-6, S. Bento de Cástris – *Livro das Leys de Capítulos Gerais do Mosteiro de 1708 a 1749*.  
*Ordenações Filipinas*, Livro 1, título 49; Livro 2, título 9; Livro 5, títulos 81 e 82.

### Fontes Impressas

- BLUTEAU, P. Raphael, *Vocabulário Portuguez e Latino*, Coimbra, tomo 2-8; suplemento, 1727;  
MACHADO, Diogo Barbosa, *Biblioteca Lusitana Histórica, Crítica e Cronológica*, Lisboa, tomo III, 2ª ed., 1933.  
RODRIGUES, Francisco, S.J., *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Porto, 1938, tomo II, vol. I, pp. 219-220.  
SILVA, Innocencio Francisco da, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Lisboa, Imprensa Nacional, tomo VII, 1862.  
SOUSA, D. António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa, desde a Sua Origem até o Presente, com as Famílias Illustres, Que Procedem dos Reys e dos Sereníssimos Duques de Bragança, Justificada como Instrumento, e Escritores de Inviolável Fé, e Offerecida a el Rey D. João V nosso Senhor*. Lisboa Occidental, Oficina de Joseph António da Silva, impressor da Academia Real, MDCCXXXV, tomo VIII, caps. XIX e XX.

### Estudos

- ALVES, Jaime Joaquim B. Ferreira, «A festa barroca no Porto ao service da família real na segunda metade do século XVIII», In *Revista da Faculdade de Letras*, 1988, pp. 9-64.  
AFONSECA, António Parada de, *Apostilhas à História de Braga no Século XVIII: Sua Alteza o Senhor D. José de Bragança, Arcebispo Primaz, e o*

- «Método Breve e Claro de Jogar o Taco, o Pião e a Conca», Braga, 1990.
- CAMPOS, Flavio de, «Jogos e a temática lúdica em Portugal ao final da Idade Média», *Bulletin du Centre d'études médiévales d'Auxerre, BUCEMA* [em linha], Hors-série n° 2 | 2008 (consultado a 05 mai 2013).
- CAMPOS, Maria do Rosário Castiço de, «D. José de Bragança: estadia e educação no “Colégio e Universidade” de Évora: subsídios para a história da educação do século XVIII em Portugal», *Actas do Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora, Évora, [s.n.]*, 1994, pp. 347-359.
- COELHO, Maria Helena Cruz, *Festa e sociabilidade na Idade Média*, Coimbra, 1994, pp. 18-21.
- FRAZÃO, Fernanda, *Fontes para a História dos Jogos em Portugal*, Lisboa, Apenas Livros, 2012.
- MARKL, D.L., «O xadrez na arte e na literatura portuguesas na Idade Média e no Renascimento: breves exemplos», in *A Cidade de Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal. Évora, 1* (1994-1995, 2ª série), pp. 331-346;
- MILHEIRO, Maria Manuela de Campos, *Braga. A Cidade e a Festa no Século XVIII*, Universidade do Minho, Guimarães, 2003.
- M. MEHL, *Jeux, sports et divertissements au Moyen Âge et à l'Âge classique*, Paris, 1993, p. 281-287.

## APÊNDICE DOCUMENTAL

BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA

Códice CXII/1-10, fólios 6 a 25

Fl. 6

Methodo Breve e Claro de Jo/gar a Billharda, Piam e Conca/  
Dedicado e offerecido / Ao Sereníssimo Senhor D. Jozé de/ Bra-  
gança. Arcebispo e Senhor de Braga./ Pelo P. Francisco Montei-  
ro/ do Collegio da Companhia de Jesus/ da mesma cidade./  
Braga./ Anno de 1742/ Com todas as Licenças necessárias e Pri-  
vilégio Real.

Fl. 7

Dedicatória/ Serenissimo Senhor/ O mayor cuidado dos  
Escriptores, e o pri/meiro acerto das suas obras, he solicitarlhe o  
respei/to de algum patrocínio soberano, e então he este / mais  
eficaz, quando se conforma com o génio do seu/ Mecenasa  
materia que lhe dedica./ Em obzequio dse Cezar, compunha  
Vergilio o seu Poema, lisongeando com a Na/ração das guerras  
de Troya aquelle Emperador cu/jo animo fazião consonancia as  
Trombetas de / Marte com a Cithara de Apolo/.

Fl. 7 v.

Os meninos Bracharenses com ma/dura advertencia e atten-  
cioza conseederação/ dedicação a V.A. os primores dasquellas  
Artes/ de que são capazes os seus annos fazendo/ ao Genio, e  
Inclinação de V.A. este me/recido obsequio, em reconhecimento  
do zello com/ que V.A. solicita aliviar a seus Pais da/ laboriosa  
tarefa de seus officios para que li/vres deste trabalho possuão a  
Imitação de/ V.A. occuparce studiosamente com os filhos/ no  
divertimento de seus jogos. Applicace V.A. aos divertimentos  
pue/ris em que os mais insignes professores lhe dão ventagem  
praticando a vertude da/ Eutrapelia; e se o excesso de vertudes  
fora/ defeito, somente nesta o podera ter a pessoa de/ V.A., pois  
livre de todos os mais com que no seu/ Estado podera occuparçe  
se appllica todo/

Fl. 8

Todo e em todo o tempo ao exercicio desta satis/fazendo a sua grandeza talvez por humildade/ com aerea futilidade de hum rechaço com o rus/tico zunino de hum pião e com o rediculo acerto/ de hua conca. Neste divertimento nada he des/culpa senão he innocencia./ Os Zoilos, que de tudo murmurão di/rão que V.A. ja pellos seus annos, e pellas suas grandes occupaçoens não decentes, estas puerilidades e/ meninices e que se por melhor motivo Cubilon/ Embaixador dos Lacedemonios chegando a Cidade de Corintho e achando aos senadores jogando/ voltou sem dar a sua Embaixada julgandoos/ por indignos de tratarem negocios de hua Republica./ Porem V.A. tem tantos Heroes a quem imitar que bellamente podera fazer/ por estudo o que pratica por genio. Hercules

Fl. 8 v.

Hercules o mayor aventureiro do mundo/ muitas vezes se recreava com os rapazes. Cos/me de Médicis Grão Duque de Toscana se divertia com os seus nettos. Alcibiades vio al/guas vezes a Socrates jogando, e brincando com/ seus Meninos a Cavallo em hua Cana, fa/zendo com elles Cavallariças altas. O mesmo/ se conta de Agerilão, ao que aludindo Ho/rato cantou:

*Ludere par impar equitare in arundine longa*

Scevola era muy frequente no jogo das Pe/drinhas assim cantou o Mantuano:

*Maximus interpres legum Luxisse lapillis*

*Scevola narratur, curasque fugasse tritillo.*

Na menoridade de V.A. fui seu Mestre de/ Artes e Sciencias nas quais mostrou V.A. o talento/ que todos conhecemos, negandose aos divertimentosde que a/gora faz restituição à natureza. Dar ao tempo/ o que he seu he sentença irrefragável; a todo/ o tempo se lhe paga o que se lhe dave./

Fl. 9

Naquelle tempo em que eu me achava em Roma/ donde vim a ordem de V.A. desprezando as Mi/tras e as dignidades com que quazi me estava saudando o Conservatorio Apostolico, vi a muitos Prin/cepes divertindose em jogos, e passatempos e se/

assim se pratica em Roma, que he a Academia das mais altas politicas do mundo, tambem em/ Braga se pode V.A. celebrar o seu Carnaval, e/ divertirçe, aprovando com o seu exemplo esta/ obra que pela minha mão se lhe offerece e/ dedica, aceitando os obsequios com que toda esta/ cidade e maximamente o meu Collegio, se tem em/penhado em dar gosto e divertir a V.A. para que/ se dillate e prospere a vida. Braga/ Collegio da Companhia, 30 de Junho de 1742/. O Reytor do Collegio/ Francisco Monteiro.

Fl. 9 v.

(Em branco, sem nada escrito anteriormente).

Fl. 10

Censura/ Do Doutor José Ferreira Rosa Procurador Geral da Mitra/

Serenissimo Senhor/ Ordename V.A. que eu como Procurador da Mitra/ veja este Livro, ao que não só satisfaço e obedeço/ por lizongear a V.A. como em tudo procuro fazer;/ mas também pella sua materia, e Autores,porque/ sempre gostei muito de obra de rapazes. Este livro/ não he contra os privilegios da Mitra, antes de/ novo acrescenta hum a V.A. : porque com o seu uso o absolve de gastar muito tempo no despacho e fica/ mos os seus validos, e Menistros com maior liberdade para fazermos o que quizermos cedendo tão/bem em conveniência da Mitra porque se pode ser/ vir por menos salario. Nem o Padre Reytor da Companhia/ no seu Collegio havia dedicar a V.A. couza que muito do seu agrado. Conveniência e con/forme ao genio de V.A., porque tendo feito tam boa criação se empregue o seu cuidado em que não dege/nerem as suas lições. este he meu parecer que estimarey seja do Agrado de V.A. cuja vida /

Fl. 10 v.

Vida prospere Deus per muitos annos. Braga/ 15 de Julho de 1742./

(assinado por Jozé Ferreira Rosa)

Fl. 11

Censura/ Do Reverendo Padre Secretário de S.A./

Senhor. Por ordem de V.A. vi este pique/no volume dos jogos dos meninos e Infantes/ de Braga, e como as Leys destes

jogos não poem/ penna pecuniaria, não sei votar nesta materia/  
contra o meu genio, nem a respeito do modo e Instro/mentos  
delles posso dizer couza alguma, porque me não/ creey com estes  
folguedos e so com o cuidado do/ gado e culturas silvestres de  
que unicamente posso dar razão. V.A. determinara o que for ser-  
vido./ Braga, 28 de Julho de 1742./

(assinado por Marcelino Pereira Cleto)

Fl. 11v.

Arbitrio e Advertencia de/ Manuel Pereira Reducto/ Seren-  
nissimo Senhor/

Devo em tudo obedecer a V.A. e/ procurar Lizongeo, ainda  
que passe bem/ depressa pello que devo a verdade. So tratarey  
do dyscredito da sua pessoa e caracter/ como costume, e sendo  
em meu officio procu/rar sempre por onde pegar, ou haja ou/  
não haja razão, digo que o Autor lhe faltou no jogo do Pião tra-  
tar da roda da carriça/ que he a materia em que eu posso dar  
algua/ razão por nella trazer toda esta terra e/ Arcebisgado e  
como o Autor não entrou/ ainda nella fica a minha boa delegen-  
cia o metello per dentro per faz; ou que no/ faz. V.A. lhe vera o  
rosto e eu farey co/mo costume servir a V.A. tanto a/ seu gosto.  
Braga, 31 de Julho de 1742./ Aos Soberanos pes de V.A./

Manuel Pereira Reducto

Fl. 12

Dictame de João Lobo da Gama/ Governador de S.A. e de  
Sua Caza/

Amigo e Senhor. Vi este Livro ainda que sem Ordem de V.A.  
porque para Nos não ha ceremonias/ e vy que lhe falta a taxa, e  
seria novidade/ grande que passasse pella/ minha mão sem  
este/ sacramento, porque sem pagar não há nada bom. Braga, 5  
de Agosto de 1742./ João Lobo da Gama/

Taxão este Livro em 400 réis. Braga, 6 de Agosto de/ 1742./

O Pe. Manuel da Costa Araújo/

Pode correr visto estar taxado e ser pa/go os novos direitos e  
concedo Privilegio ao amigo/ Francisco Gomes Abexim per tem-  
po de dez annos para/ que possa imprimir este Livro. Bra/ga 9  
de Agosto de 1742./ João Lobo da Gama

Fl. 12v.

Metodo breve, e claro de jogar/ a Bilharda, o Pião e a Conca./  
Livro Único./

Introdução./

A natureza humana sendo creada para/ gozar as felicidades do Céu, e da terra, ficou de sorte/ condenada pella culpa de Adão aos tra/balhos deste mundo, que até os divertimentos que/ solicita são fadigas. Logo nos primeiros annos/ da puerícia procura meyos de aprender/ jogos para divertir-se./

Os mais proporcionados àquella idade/ e que ainda permanecem dos antigos, entre ou/tros, são os Jogos do Falho (ou Bilharda), Piam, e Conca/ divertimentos que não se logrão sem que se amarguem, e comprem/ muitas vezes com o suor do rosto, e sangue das veyas;/ porque tambem entre mininos são muito frequentes as dis/cordias, e as vinganças./

Fl. 13

O exercício destes jogos he muito util aos/ infantes naquelles primeiros annos; porque sendo/ o trabalho proporcinado à sua tenra idade, com/ o movimento se dispõem os membros do corpo para/ a sua nutrição e aumento e se evaporão as humidades/ crassas e malignas, que desde o ventre de suas Mães/ os infestão, e muitas vezes matão./ Alem destas se seguem outras utilidades/ não menos proveytosas para o animo, e costumes, que he/ o principal fim, que nos moveo a sair a Luz com/ esta obra, e sua materia nunca jamais athe/ agora bastantemente tratada/.

Muitos forão os jogos que inventou a antiga/ gentildade e alguns tão pios, que se uzavão por cul/to à mentirosa Divindade dos seus fabolozos/ Deuzes. A Jupiter dedicarão os jogos Olympicos;/ a Apollo os Pyticos, e a Hercules os Nimeos/ de que se lembra Estrabão ( L.1). Tambem foy celebrado/ o jogo do Perri-che, com que os meninos gregos des/de as idades de 5 annos se exercitavão para a guerra,/ fazendo certos movimentos e saltos ao compasço de va/

Fl. 13v.

De varios metros, como refere Platão (L.7) e/ Plínio (L.7, cap.57) e Horacio na Arte Poetica celebra/ os da pella, conca e

pião (Indo, Etoyve, Pilo)/ De todos tirarão os Antigos grande utilidade e divertimento/ determinando o tempo proprio para cada hum/ delles e deste costume se derivou a obervancia/, com que os Meninos se applicão em certos tem/pos do anno a estes execícios. A pélla/ jogão pella Pascoa: o pião pela Quares/ma: a Conca, e a bilharda no Inverno/ e assim os outros. Somente no Palacio de V.A. se não/ observa esta ordem; porque todos juntos, e a todo/ o tempo se achão alli estes divertimentos./

#### Capítulo 1º

Ao pio Leitor

Escrevemos os dictames destes jogos pue/ris, que verão neste pequenino volume, bem seguros/ de que hão de agradarse pello tempo em que seme/lhente assunto sahe a luz, pois sendo hoje/ tão Autorizados estes jogos, que se exercitão nas/ Cazas dos Principes tão bem todos podem uzar na sua/

Fl. 14

Na sua: porque Principe he qualquer na sua/ se tem com que. Se te não agradar o Estilo tem/ Santa Paciencia, que tambem Nos vivemos deza/gradados de muitas couzas nesta terra e sofremolas e/ tão bem a Duarte da Cruz e Manuel Pereira do Reduto/ que ainda seguem peyor estilo que nos./

Assinado: Valle/

Fl. 14v.

Licenças/ Aprovação do M.R. do Pe. Manuel Joze/ dos Reys Lente de Theologia moral no seu Collegio da Companhia de Jesus./ Serennissimo Senhor/

Mandame V.A. dar o meu Parecer sobre/ a materia de que se trata nesta utilissima obra, e suposto/ que para isto me seja necessario tornar aos annos em/ que nasci, com tudo não he muito que eu por dar gosto a V.A. em/pregue o cuydado nestas rapazias que toda a minha/ comunidade tem obrado por seu respeito o que nunca della se esperava./ E assim digo que para os grandes e para os Pequenos me/ parece util este Tratado. Para estes, porque com/ mais altos pnsamentos podem tirar ensino de pro/veitosas moralidades. Para aqueles per que neste exer/cicio empregão e occupão a inutilidade dos seus annos./

Bem reconheço que o mundo tem viciado/ de forma os seus  
recreyos que de poucos pode sahir Livre.

Fl. 15

Livre a consciencia, limpo o exemplo, e sem reprehensão os  
bons costumes, e ainda entre os indiferentes passatem/pos de  
que uza a puericia, ja a malicia antecipada pertende/ roubarlhe  
a innocencia. Porem esta que em V.A. he innata/ podera tirar do  
exercicio dos jogos de que trata nesta obra/ muitos e muy efica-  
zes documentos./ No jogo da bilharda acho eu as mayores  
advertencias/ para hum Prelado. O páo curvo com que se joga  
repre/senta torcido a vara da justiça quando injustamente casti-  
ga/ como sendo neste jogo delinquente quem não acerta/ a  
cova, a bilharda he empunida e a quem se deregicem/ os golpes  
e os rechãos; e asim vemos castigar indevida/mente neste mun-  
do a huns em vingança e contemplação/ de outros, e sacrifica-  
dos no indigno altar do ódio muitas/ innocencias./ A bilharda  
que he páo de dous bicos he o mais/ verdadeiro geroglífico de  
hum conselho preverço e/ cavilozo com dous sentidos e duas  
intenções./

*Qui sapiens est, audit concilia*, diz Salomão; mas que conselhos  
deve ouvir explica o Ecclesiastico/ A poucos se pode pedir con-  
selho,e descobrir o peito/

Fl. 15v.

e ainda a esses se lhe não deve dar de todo o coração/ Eu  
bem sey que ha conselheiros com qualidades de/ Lobo de quem  
diz Ravizio Textor na sua officina. *Habit in cauda amatorium  
virus*,porem/ alem deste veneno, tem esta fera hua natureza/  
cujos semelhantes não são bons para conselheiros/. *Luporum  
rapax est natura, et ignobilis; nam ubi/ caulas intraverunt, nom  
solum quod satis est ad ventrem/ sed totum gregent jugulant./*  
Senhor, conselheiros lobos somente roubos a/conselhão e tira-  
nias. Para evitar a perversidade des/tes conselheiros deve o  
Principe diz Seneca des/pois de aconselhado, deve aconselhar-  
se comsigo mesmo sobre o/ mesmo conselho./ *Sapiens est exami-  
nare consilia et nom cito facili cre/dulitate ad falsa prolabi/* Da mesma  
opinião foy Socrates/ *Nom aliorum consilia duntaxat otiose audien-*

*da/ sunt sed ipsis quoque dlegantissima de rebus cogitare debemus/*  
Enfim Senhor o conselheiro (agora falo contra mim)/

Fl. 16

Diz S. Gregório hade ser dezinteressado./

*Nullus fidelion tibi ad consilium potestesse, quam/ qui non tua sed*  
*te diligit/*

O Pião, no qual se simboliza o ímpio e vingativo/ he fabrica-  
do do coração do páo mais duro. Armaçe com ferro/ agudo, esta  
dissimulado emquanto o cingem: cingido/ com cordel, parece  
hum penitente. Com o ferrão/ para sima mostra que se acautela  
de molestar **com elle**;/ porem tanto que o poder de algum braço  
lhe dá corda e im/pulso sahe commo hum raio, volta o ferro  
para baxo/ terra, fere, racha, e lastima ficando tão satisfeito/ que  
com giros anda campeando athe que nesta felicidae/ dormindo  
e rosnando serenissimamente acaba a vida/ que animada do  
impulso lhe durava/. Deste jogo, que he de meninos podem  
aprender os homens/ ( mayormente sendo Principes) a não dar  
o seu poder/ para vinganças nem para offensas./

El rey de França assi mesmo negou o seu braço/ para a vin-  
gança dos agravos que lhe fizerão enquanto Duque./ As Chro-  
nicas estão cheas destes exemplos; e na de V.A. não he bem que  
falte esta circumstancia./ O jogo da conca he o mais rustico e  
ma/terial. Delle puramente se tira a utilidade do exercicio/

Fl. 16v.

corporal; porem he hua fadiga muy servil./ Jogo de pedras  
que infama o juizo, e molesta as mans; porque assim cos/tuma  
acontecer a quem com muitas pedras quer bulir:/porem nada  
tem contra a fé. Este he o meu parecer./ Collegio da Companhia  
de Jesus, Braga, 13 de Julho de 1742./ José dos Reis./

Fl. 17

Capítulo 1º/

Da forma, instrumentos, Leys do jogo da Bi/lharda

He o jogo da bilharda hum dos antigos o seu inventor/ lhe  
deu o nome de *Astralagus* e diz Volaterrano que/ inda hoje he uza-  
do dos Germanos e delle faz men/ção Marcial./ Necessita este  
jogo de poucos instrmentos, mas de/ grande praça ou terreiro

jogace junto a algua pare/de ao pe da qual se forma na terra hum meyo/ circulo a que os meninos chamão covinha a qual/ possa receber em sy todo o comprimento da bilharda/ Esta hade ser feita de hum páo da grossura/ de hum dedo polegar, e do comprimento de dous terços/ de hum palmo agudo de ambas as partes, para que fe/rido de qualquer dellas se levante no ar e ahy se/ lhe possa dar o rechaço que então he mays primo/rosos quando acerta bem no meyo da bilharda./ O páo com que se castiga esta hade ser da mes/ma sorte grossura, e do comprimento de tres Palmos tudo.

Fl. 17v.

Tudo na estampa seguinte.



Fl. 18

O fim a que se derige este jogo (e o premio) que nelle se pretende/ he ganhar o páo. As Leys são rectíssimas/. Feita a cova se porão defronte na dystancia que/ se ajustar vg. 20 palmos hua pedra ou risco/ na terra para signal que dally começa ( **pricipia** ) o jogo. Posto neste/ lugar o jogador que leva a bilharda atirá com ella/ a metella todo ou em parte na cova se o conseguiu ga/nhou o páo ao contentor, e este lho entrega; mas/ se não acertou o que tem o páo há de dar tres pancadas/ e em cada hua o seu rechaço e pera que a possa rechaçar e pera os dar com faci/lidade ( **felicidade** ) hade acertar na pontinha da bilharda com/ impulso tão medido que ella se levante ao ar/ em altura proporcionada pera que a possa rechaçar,/ e dadas as tres pancadas ou duas ou hua o jogador que/ anda com a bilharda hira

metela na Cova/ do mesmo lugar aonde o rechaço alcançou ( **a lançou** ) e se da/hy não vir a covinha, o que ainda a busca pode pedir/ vistas e apellar ( **e se dahi não vir a covinha, pode apellar para vistas** ), as quais irremissivelmente se lhe hão de/ dar; por que nem entre crianças se nega vista a quem a pede./ Desta sorte ganhando e perdendo o páo se andão/ os dois rapazes contentores divertindo, e dezenfadando./ De Cupido dis Apolonio que dava famosos rechaços/ e d'elle herdou esta prenda seu sobrinho o menino/ Ascanio./

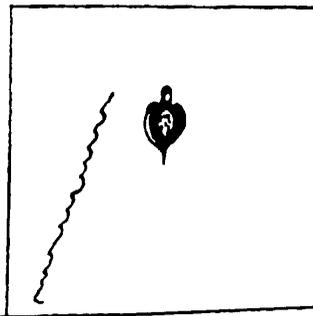
Fl. 18v.

Capítulo 2º/

Do jogo do Pião sua forma e primores/

Entre os jogos pueris o do peão he o mais gra/ve e o de menos dezassossego. Podeçe jogar den/tro de Caza e nas sallas se goza melhor este diver/timento porque se o pião he bem lançado toda a/ sala corre, e escaramuça fazendo varios/ giros e rodeyos alli se percebe melhor quan/do se acerta no Alvo, ou como dizem os ra/pazes se deu na mocha ou cornicola./ O pião a que Vergilio chama *volubile buxum*/ deve ser deste mesmo páo, e da forma pira/midal, ou de feitio de hum coração. Da parte/ aguda tem ferrão bem cravado e seguro em/ sima hua cabecinha honde prende o cordel/ como se ve na estampa presente./

Fl. 19



Tres são as especes que ha de Pioens huns muito grandes a que/ chamão Zorros, e estes não se jogam nas sallas por/ que

abalarião a Caza toda, e parceria hum trovão quando/ rodace por ella; destes uzão os rapazes mayores, que ja sa/bem o que fazem, e que tem a chave da mão capaz de com/prehender e sujeitar hum zorro destes/. Os da segunda especee, que propriamente se chamão pioens/ são de grandeza ordinária e em qualquer parte se pode jogar/

Fl. 19v.

Se pode jogar. Os da terceira especee são mais pe/quenos e se chamão Pitorras de que uzão os mais me/ninos./

Tão bem destes tres degenera hum a que os meni/nos dão o nome de Mona o corpo he de Pião so/ de fora emtre dous ferrões se embrulha o cor/dele por qualquer de ambas as partes servin/do os ferrões de cabeça./ O modo de fazer correr o pião he cingindo o/ com hum cordel que sera pouco mais ou menos da grossura do ferrão para que no caduco do pião ajuste bem no pescocinho delle ( **cingindo o com hum cordel que tera pouco mais ou menos a grossura que tem o cacullo do mesmo pião para que ajuste bem no pescocinho delle**) e de comprimento o que baste/ para cingir as tres quartas partes delle e prendendo/ huma ponta ao dedo do meyo o que he o mayor da mão/ se aplica outra ponta a emparelhar com o fe/rrão e descendo abayxo a prender no cacullo, ou/ cabecinha do pião torna asima/ e se vay enrolando desde a raiz do ferrão no corpo/ do pião athe que fica unido com a mão, enrolado/ todo o cordel subjugando o jogador o pião mais com/ os dedos que com a palma da mão com o ferrão voltado/ para sima o despede para terra em proporcionada destan/cia com tal ar e geito que parece lhe deu vida porque sahe da mão/

Fl. 20

Da mão do jogador com huns alentos, que deixando/ a terra, ou pavimento da salla feridos, se corre e es/caramuça senhor do campo victorioso e triun/fante athe que acabado o impulso se despede/ com hua muito cerimoniosa e mizurada cortesia./

Com o pião enquanto corre fazem os rapazes visto/zas galanterias. Alguns são tão destros, que o to/mão na palma da mão e costas passando o de/ hua parte pera outra com hum medido impulso/ que o levanta para o ar emquanto a mão da volta./

Outros o tomão à unha e correndo com elle todas/ as pontas dos dedos o passão tão bem à ponta do na/riz outros se dezafião a jogar os socos atirando/ cada hum ao pião do outro./

O primeiro primor e valentia deste dezafio/ consyste em hum pião ferir o outro, de sorte que o/ rache em duas partes; o segundo he quebrarlhe a ca/beça com a ponta do ferrão eo terceiro he dixalo com hua/ ferida penetrante. Estes dezafios as mays das vezes/ acabão em choros ou pancadas principalmente quando/ se pratica algum dos dous primores ( **primeiros**). Tão bem alguns AA/

Fl. 20v.

Alguns AA afirmão que ha outras especies/ de Pions, e dentro dos quais lançados sahem filhos/ a correr, por em quanto para nos he couza nunca/ vista, e julgamos esta opinião por apócrifa co/mo a da ave Fenix./

De tudo se tira hua advertencia para a vida/ humana singularissima que bem se pode/ comparar com o pião o qual expressou/ nestes versos António de Sousa Macedo/.

Trabalha o homem e anhelante aspira  
à glória que a vontade lhe assegura  
Sendo o jogo pueril, que enquanto gira  
vay cavado a sy próprio a sepultura  
que aynada vay morrendo no que dura.  
Ay peito humano da Ambição infeno  
a quem estreita cova he largo termo.

**( Trabalha o homem, e anhelante aspira  
à glória que a vontade lhe afigura;  
Sendo o jogo pueril, que enquanto gira  
vay cavando a si proprio a sepultura.**

**Quanto melhor vivera se advertira  
que a vida vay morrendo no que dura.**  
Ay peyto humano de ambição enfermo  
a quem estreita cova he largo termo.)

E parece que foy tirada do que diz B. Nazianzeno:/

*Trochuy est parum certoi parum que stbiles/*

*Fallaci Eujoy Curvoy, et vita brevis/*

Capítulo 3º/

Fl. 21

Capítulo 3º/

Do jogo da Conca/

Este jogo a que os Antigos chamarão/ *Discus* foy invenção de Licurgo, delle/ uzarão os Lacedemónios nas festas e olim/ piadas que Hercules consagrou a Júpiter/. Marcial advertio aos meninos que se acau/ telassem não lhes desse a conca na cabeça:

*Splendida cum volitant pon/ dera disci/ Est procul/ pueri; sit semel ille nocens.*

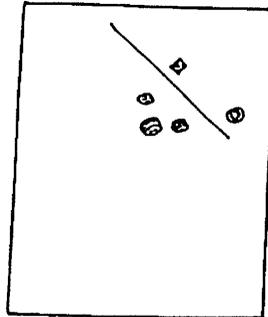
À proporção das suas forças forão os/

Fl. 21v.

Forão os meninos emitando aos Lacede/ monios, e uzando este jogo o qual neste

( **no nosso** ) / tempo se acha com mayor perfeição e Authoridade os Instrumentos com que se joga/ são tres pedras com duas das quais que são/ chatas e se chamão concas atirão os conten/ dores pello ar alternadamente, e outra que he de/ forma (**quazi**) Piramidal com sua baze firmada/ na terra e serve de termo e baliza, e haonde/ se aremeça a conca como se ve na/ presente estampa que aqui parece e se segue a sua forma.

Fl. 22



Fl. 22v.

( encontra-se em banco)

Fl. 23

O primor deste jogo he combater/ a baliza com as concas e atirando os/ jogadores ao mesmo sitio cada hum sucessivamente com a sua quando o im/pulso não he tão medido que acerte fi/ca o vencedor a quem teve a fortuna de/ arrojear mais perto dela, e ganhará um/ ponto/. E quando acontece que os contendores lan/ção as suas concas quazi com igual fortuna/ que ambas ficão em igual paralelo, e que/ com vista não se pode resolver a que está/ mais próxima, se averiguara esta/ duvida tomando a medida com hua/ palha quando a distancia he pouca; e se for/

Fl. 23v.

E se for muita pode tomarce com os pes;/ mas sempre com cautella de não encarregar a consciencia/ nestas medidas; porque destes actos re/petidos se gerão habitos nos animos/ dos meninos que praticão depois de/ crescidos com detrimento da Alma/ e da honra, o que estamos vendo em/ alguns homens limpos, que pella má / creação e pouco ensino, que tiverão não/ tem pejo de furtar e de fazer outras/ semelhantes insolências. Gran/des castigos esperão os Pays destes,/ porque esquecidos em os criar em temor/ de Deus so na hora da morte/

Fl. 24

Da morte se lembrarão de os re/conhecer por filhos, ou para os legiti/mar ou para os emriquecer./ A estas regras geraes de jogar/ a conca acrescem outras particulares que os/ Jogadores entre si estabelecem são os/ numeros de pontos em cada jogo a seu ar/bitrio e outros se contentarão com a glória/ de acertar na baliza e por amor della/ andão todo o dia jogando sem adver/ tirem a dilatada fadiga que padecem/ dispondo desta sorte para os Labori/osos empregos, e talves para os annos/

Fl. 24v.

Mais crescidos lhe tem taxado/ a sua fortuna e alentado espiritos/ com a gloria de vencerem os seus con/tendores se habelição para depois de ho/mens emprenderem trabalhos mais/

heroicos, e que produzem gloria immortal para a posteridade./  
Este he hum dos fins que/ nos moverão a sahir a Luz com/ esta  
obra, esperamos ver aceitação de/lla para nos resolvermos a tra-  
tar/ dos jogos da Bolla, da pella e do toque/

Fl. 25

E do toque emboque igualmente necessarios e/ uteis para o  
bom governo da Republica e/ não menos bem aceitos, e uzados,  
dos que es/tes que tratamos.

#### OBSERVAÇÕES:

Encontramos no Códice CXII/1-18 da Biblioteca Pública de Évora algumas diferenças, embora não substanciais, e que o aproximam nomeadamente do códice que analisámos na Biblioteca Nacional de Portugal. Vejamos:

No fólio 19, o primeiro parágrafo sublinhado não consta do Códice CXII/1-18 (nem no da Biblioteca Nacional nem no da Biblioteca da Ajuda); neste mesmo fólio, a expressão a negrito, entre parênteses, substitui a que a antecede, sublinhada, conferindo com o códice da Ajuda.

Fl. 20: a palavras ou expressões a negrito e entre parênteses substituem as palavras anteriores sublinhadas.

Fl. 21v: no primeiro caso, a palavra a negrito e entre parênteses substitui a que a antecede, sublinhada; no segundo caso, a palavra a negrito não consta do Códice CXII/1-10, base do nosso estudo.

## NOTAS

- \* O presente trabalho foi publicado primeiramente na revista *Eborensia*, ano XI, 1998, pp. 223-244. Cinco anos depois da publicação do nosso texto inicial, surgiram alguns trabalhos sobre D. José de Bragança, bem como o trabalho de Maria Manuela de Campos Milheiro, *Braga. A Cidade e a Festa no Século XVIII*, Universidade do Minho, Guimarães, 2003, essencial para o estudo do citado arcebispo e da ambiência cultural envolvente, e de que sublinhamos também a recolha bibliográfica.
- <sup>1</sup> São disso exemplo as *Ordenações Filipinas*, livro 1, título 49, livro 2, título 9 e, mais expressamente, livro 5 títulos 81 e 82; neste último, são bem expressas as penas para os jogos de fortuna /azar (cartas e dados). Curiosas são algumas especificações: não é permitido jogar a bola antes da missa ao domingo ou em dia de festa; não devem os oficiais mecânicos ou homens de trabalho, na corte e em Lisboa, jogar a bola de semana. As penas variavam de acordo com a condição social do culpado: o escravo, açoutado publicamente no pelourinho; os oficiais mecânicos e homens dessa condição seriam levados aos julgadores; as «*pessoas de mais qualidade*» seriam levados perante os julgadores, podendo apelar das suas sentenças. Lembremos também, em pleno século XVIII, as Resoluções do Capítulo Geral em Alcobaca, como eram explícitas ao proibirem esse tipo de actividades aos monges cistercenses – estendendo-se, claro, aos mosteiros femininos – (S. Bento de Cástris – *Livro das Leys de Capítulos Gerais do Mosteiro de 1708 a 1749*, Códice CXXXI/2-6, Biblioteca Pública de Évora).
- <sup>2</sup> António Parada de AFONSECA – *Apostilhas à História de Braga no Século XVIII: Sua Alteza o Senhor D. José de Bragança, Arcebispo Primaz, e o «Método Breve e Claro de Jogar o Taco, o Pião e a Conca»*. Braga, 1990.
- <sup>3</sup> *Op. cit.*, p. 70.
- <sup>4</sup> P. Raphael BLUTEAU, *Vocabulário Portuguez e Latino*, Coimbra, tomo 2, 1712.
- <sup>5</sup> *Ibidem*.
- <sup>6</sup> *Idem*, tomo 6, 1720. Tal como nas notas seguintes, mantivemos os sublinhados existentes.
- <sup>7</sup> Alguns dos jogos enumerados pelo Autor não são depois descritos, como o dos **alfinetes**, o **La condessa** e o **joão da cadeneta**; citaremos a seguir Bluteau na descrição de alguns dos jogos, descrição enrique-

cida com o paralelismo que é feito com a terminologia clássica, pretendendo deste modo o Autor, quando é caso disso, estabelecer uma relação histórica entre os jogos que descreve e as heranças culturais clássicas no território português, apresentando também um juízo crítico quando pensa que tal correlação não é clara. Por opção nossa, não referiremos os jogos de fortuna/azar (como os de cartas, dados, tabolas), por não se enquadrarem na natureza do nosso estudo.

No tomo 1, temos o **jogo da argolinha**: «*Correr a argolinha, com uma argola no pé, uma espécie de anel ou de pequeno círculo de ferro ou outra matéria*». Ainda neste tomo é referenciado o **aro de jogar**: «*Anel de ferro, que se volta, pelo qual se fazem passar as bolas com a palheta. Anulus ferreus versatilis, per quem glubi lignei trajiciuntur*».

No tomo 2, temos diversos jogos; referencia-se a **barquinha** como «o nome de um jogo que alguém diz que se fazia com lanças.[...] a barquinha deve ser inteiriça, & de pao seguro, para que resista aos botes das lanças.Pensilis, versatilis que cymbae ludus»; o **jogo da barra**: «[...] Tirar a barra, antigamente era hum jogo, e os que lançavão mais longe hum varão davão maior prova das suas forças e vencião. [...] Em lugar da barra, também pedra ou bala de artilharia. Corresponde ao jogo do disco dos Lacedemónios»; o **jogo da bola** (corpo sólido e redondo, segundo o Autor): «He o jogo dos paos» esta descrição é completada no Suplemento, quando o Autor se refere ao termo calha: «No jogo da bola, com paos, he o intervalo, que ha entre huns, e outros paos, tomando-os do principio até o fim do jogo. Levar cinco de calha, he correndo a bola, sem derribar pao algum, passar alem dos paos, por hum destes dous intervallos » ; o **jogo da cabra cega**, com uma descrição que coincide com a prática actual ; o **jogo dos cantos**, jogado por cinco crianças, nos 4 cantos da casa e um no meio; o **jogo das canas**: «Jogo que he hum genero de peleja de homens a cavallo, com suas quadrilhas distintas, que acometem os contrarios e dão voltas, & com canas se perseguem. [...] Querem alguns que este jogo se chama Ludus Troianos, & dizem que Julio Ascanio o trouxe de Tróia a Itália; & outros o trouxerão de Itália às Hespanhas, em que hoje he mais usado». Cita ainda o **jogo das canastras**, jogo de meninos, exercitado entre quatro, com muita força; o **jogo das chapas**, jogo de moeda ao ar, sendo explicada a origem:« [...] Quando Jano, reinando em Itália, bateu moeda, depois da chegada de Saturno, e sociedade no reino, mandou o dito Jano pôr nos cunhos de huma parte a sua própria imagem, & da outra um navio em nome de Saturno, denotando a sua vinda àquela terra por mar. Das quais moedas havia ainda memória no tempo de Macróbio, (segundo ele diz) em hum jogo, que os moços usavão em Itália, lançando

humã moeda pelo ar e antes que cahisse no chão, pedião os rapazes cabeca ou navio, como entre nós pedem cunhos ou cruzes. De qual moeda com as imagens do rosto de Jano e navio de Saturno faz menção Ovídio nestes versos, em que finge perguntar a Jano a causa & origem destas moedas: Multa quide dididici, sed cur navalis in aere/ Altera signata est, altera forma bíceps».

O **jogo da choca**: «Bóla com que jogão os rapazes, dandolhe com hua vara grossa. Manuel de Faria, nos seus Comentos, descreve este jogo assi.« Em Portugal ay un Juego, se llama choca, y choca es una bola, como las pequenas de Argola; y esta se sacude con cajados en una campaña; y suelense juntar hombres de un consejo contra los de otro, sobre quien va de salir vitorioso; porque es un juego en que se prueban fuerças, ligeirizas, ardídes e furores, como en qualquier batalha. Presumo que de el Chocar assi unos como otros se llamó choca: voz italiana, lengua en que también se llama choco a qualquier pedaço de palo; y uno se juega la choca, y a este llama Caiado el Portuguez. Rimas de Camoens. Em algumas partes jogam os rapazes com humã unha de boy e chamam-lhe corneta». Com designação semelhante temos ainda a **cornetola**, «[...] pedaço da canella do Boy, com que os rapazes jogão, atirando-lhe com pedras, a quem a bata mais longe», a **cornicula**, que é «[...] humã ponta de carneyro com que os rapazes jogão a lançá-la mais longe com a ponta do pé». Curiosa descrição, embora vaga, nos oferece o chamado **jogo da corriola**, com uma prática, em termos sociais, bem definida: «[...] Jogo, de que usão os ciganos nas feyras. He hum pao-sinho que hum rapaz tem nas mãos, com hum laço, ou fitta; para ganhar he necessário acertar quando se responde, que está dentro ou fora». Neste tomo é referido ainda o **jogo de cucarne**, «Jogo de rapazes, com dois ossinhos da extremidade da perna do carneyro, que pela parte donde estão lisos, lhe chamão cû, & pela donde não o estão, mas tem um lavorsinho em cima, lhe chamão carne. Chamão a estes ossinhos Ganizes, & querem alguns que Ganiz seja o que os latinos chamão Tales, & que Talis ludere seja o mesmo que jogar o cucarne. Porem os ossinhos, a que chamamos Ganizes, não são quadrados, & os com que jogavão os antigos, & que elles chamavão Tali, erão de figura quadrilatera. [...]».

No tomo 3, temos a descrição do **jogo dos dedaes**, como sendo um jogo pueril, jogado com dedais.

No tomo 4, dois jogos pueris, o **golfim & balea** e o **guardivam**; no primeiro, as crianças tomavam o nome de peixes e, no segundo, é, segundo o Autor, «(...) um jogo em que se salta».

No tomo 5, surgem-nos as descrições dos seguintes jogos: o **lobo**, «(...) jogo pueril em que se finge lobo e outros ovelhas com um pastor que as

defende»; o **martingaravato**, «[...] recreação pueril. He jogo de perguntas»; o **jogo dos mudos**, «[...] Jogo pueril em que se não falla». Temos ainda a descrição do **malheirão**: «Jogo de rapazes. Senta-se hum sobre as costas do outro, dando-lhe com o cotovelo, & o punho cerrado, até o outro adivinhar quantos dedos tem sobre si. [...] Tem este jogo alguma semelhança com o que os gregos chamavão *Epallixiston dactylon*, id est, *permutatio digitorum*, donde querem alguns que procedesse o *Micare digitis* dos latinos». Explica o Autor também o significado coevo de **malhão**, como sendo o lançamento da bola pelo ar e sem tocar o chão, que depois acertaria em alguma coisa.

No tomo 6, temos o **jogo dos officios**, «[...] jogo em que se immitão as artes mecânicas». O **jogo da pedrinha na boca**, «[...] Jogo pueril, em que se distribue huma pedrinha entre muitos, e em que quando não se adivinha, tem certa pena». O **jogo do pao**, «[...] qualquer das nove peças do jogo dos Paos. [...] Não sabemos se este jogo foi conhecido dos antigos, e por isso ignoramos o nome que poderia ter em latim. Existe a expressão «derrubar quatro paos de um lanço». Também é nomeado o **jogo do penhor**, «[...] jogo pueril em que se finge que se dá hum penhor». Neste Tomo ainda é nomeado o **jogo da oca**, como oriundo de Itália, sendo jogo de dados numa versão semelhante ao conhecido jogo do ganso.

Merece o **jogo da péla** um tratamento especial em toda a obra, sendo um dos que apresenta descrição mais completa. É o único jogo descrito que é exclusivo de estrato social específico – a nobreza –, apesar de ser jogado em lugar público. Merece lugar de destaque quer porque, segundo o Autor, apresenta características próprias portuguesas, quer ainda por ser nesta descrição que o Autor faz uma interpretação da vida, comparando-a com o percurso incerto de uma péla; vejamos como este jogo nos é descrito à data de publicação deste tomo, em 1720: «*Péla ou Pella*. Jogo nobre, que se joga em Portugal com alguma diferença das outras nações. Em Lisboa, joga-se em hum pateo descoberto, & publico, em cuja porta estava antigamente este distico: *Lude pede, insulta, suda, contende, labora; / Si tibi contingat perdere, solve, tace*. [...] Os termos portugueses do jogo da péla são, servir apertado, servir largo, servir com tornilho, rebater a péla, gafar, jugar de bem & de mal, casa, cova, chaça, serviço, raiz, sovaquete, nomeação, falta, emenda, boleio, quarenta limpos, a dous, revez, ventagem, etc. Jogão seis parceiros, tres de cada parte, com péla de couro, que se enche de vento com huma seringa, & ganha o jogo, que se chama Tento, ou *Enuite*, quem primeiro faz quatro vezes quinze. Ha hum jogo da péla mais pequeno, com diferentes leys, & tem no meyo huma corda. Os termos deste jogo pequeno são *Cadoz*, *Colherete*, *Raqueta*, *Rechaco*, etc. Compara-se a vida do homem com

huma péla: no jogo da péla ha serviço, e ha casa; a vida sendo hum continuo serviço, vay de casa para a cova: a péla anda continuadamente aos revezes, aos boleus & às chaças; a vida também; a péla se voa, também rasteja, também a vida. Para a péla ha briga e cadoz, para a vida também há cadoz, & ella em si mesma he a briga: tanto que a péla dá em alguma lagem da briga, ninguém sabe para onde hade ir; & tanto que a vida dá na lagem da sepultura, ninguém sabe o para onde irá: topa a péla em falha; & ainda mal, que são tantas as falhas em que a vida topa: finalmente a péla morre, tendo a morte na raiz; também a vida acaba nascendolhe da raiz a morte». Ainda neste tomo encontramos referência ao **jogar às pedradas**, o *Certare lapidibus*, segundo o Autor, e que seria um jogo de punhadas, herança do antigo exercício romano.

No tomo 7, temos referência à **roda dos altos couces**, jogo de roda, o **jogo do sapato**, em que um sapato é escondido, o **jogo do sape** «[...] jogo de dois rapazes, no qual hum pondo a mão na barba, está ameaçando ao outro que com a mão, e foge da pancada», o **jogo dos segredos**, jogo de crianças em que «[...] se responde a hum o que se havia de responder a outro, e se chama os despropósitos».

No tomo 8, encontramos referência ao **jogo do topa** e ao **vaite-a-elle**, ambos jogos pueris, o segundo de corrida e o primeiro com uma descrição vaga: «[...] que se compoe de hum osso, com quatro faces.[...]». Vários jogos de mesa e de cartas são descritos - truque de taco, truque, zápete - , que não citaremos; fiquemo-nos pelo **truque de pé**, «jogo semelhante ao do Aro, sem abaixarse. Jogase com paos compridos, & na extremidade concavos, com que se levanta a bola, para a mandar», e pelo **toque emboque ou toquimboque** (que surge referido no códice que serviu de base à nossa pesquisa), «jogo de rapazes, que consiste em tocar a bola do companheiro, & embocar no aro».

No suplemento desta obra, publicado em 1727, são citados outros jogos ( de fortuna e azar, como por exemplo, o da banca, o bilhar, o bolo, o jogo de dados): o **jogo das cadeirinhas**, jogo de meninos, em que dois fazem assento, com as mãos, para outro se sentar, o **jogo da calha**, «[...] hum jogo, de que usão os rapazes, com humas varinhas, ou paos pequenos estendidos no chão, com diferentes intervalos, por onde passão ao pé sapelo três vezes, pedindo na última as varas todas, excepto a última, a que chamão Porca; na primeiras duas vezes dizem Calha, sacco de palha; na última dizem Pizão, e a forca não».

<sup>8</sup> D. António Caetano de SOUSA – *História Genealógica da Casa Real Portuguesa, desde a Sua Origem até o Presente, com as Famílias Illustres, Que Procedem dos Reys e dos Sereníssimos Duques de Bragança, Justificada como Instrumento, e Escritores de Inviolável Fé, e Offerecida a el Rey*

D. João V nosso Senhor. Lisboa Occidental, Oficina de Joseph António da Silva, impressor da Academia Real, MDCCXXXV, tomo VIII, cap. XIX e XX.

<sup>9</sup> Francisco RODRIGUES, S.J. - *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Porto, 1938, tomo II, vol. I, pp. 219-220.

<sup>10</sup> Os dois fólhos iniciais apresentam deste modo o documento:

«Fl. 21. Victorino Victoriano Xavier do Amaral Pinel/ que deita abiaxo o jogo da Thomas Pinto/ Jogo =/ Em que se se vê mataphoricamentetodas as/ accoens succedidas nos despozorios Regios,/ ajustes Embaixadas, que sobre elles/ se fizerão, entregas no Alemtejo/ entradas pellas terras daquella/ provincia athe a ultima na/ corte de Lisboa/ Dedicado/ Ao Poderozo Rey e Senhor Nosso/ Dom João quinto de / Portugal.

fl. 21, v.

*Dedicatoria/ Senhor/ São mãos perdidas: e supposto que sei/ eu que este jogo por ser aquelle, em que a/ grandeza de V. Mag.e lançou todo o resto, merecia o desempenho de mais serio discurso; porque aceitei o invite dezafiado, não estava prevenido;/ mads emfim não perderei tudo; pois ainda quan/do por costume de minha sorte perca hum/ applauzo, ficarei ganhando a mão de V. Mag.e/ Que Humilde beija/ Victorino Victoriano Xavier do Amaral Pine»l.*

São nomeados diversos jogos ao longo da composição: jogo da crô, jogo das pintas, jogo dos dados, jogo de xadrez (embora de forma indirecta), jogo do quarto em quinto ( jogo de cartas, de parceria), jogo ao tabuleiro (de tabolas, dados), jogo da polha (cartas), disputados sempre, metaforicamente, quer entre os monarcas ibéricos quer entre a mais alta nobreza da altura. Em sentido figurativo, o jogo dos mudos, jogo dos conceitos, jogo das medidas ( no versejar), entre outros.